

Artes & Multimedia

«O Fantasma» estreia no Brasil em Janeiro

«O Fantasma», a primeira longa-metragem de João Pedro Rodrigues, actualmente em exibição nas salas portuguesas, vai ter a sua estreia no Brasil em Janeiro de 2001, com distribuição da Imovision. O filme foi já

apresentado no Festival do Rio de Janeiro e na Mostra de Cinema de São Paulo. Decorrem neste momento negociações para estreitar «O Fantasma» em França, Espanha, no Reino Unido e nos Estados Unidos.



ENTREVISTA HÉLIA CORREIA

Em defesa de Helena de Tróia

A encenação de «As Troianas», de Jean-Paul Sartre, no D. Maria II, por João Mota, levou Hélia Correia a escrever «O Rancor»

MARIA TERESA HORTA

«O Rancor» é uma nova peça de teatro de Hélia Correia, publicada pela Relógio d'Água. Um interessante e inteligente exercício sobre Helena de Tróia, uma espécie de reabilitação desta conhecida mas sempre tão mal interpretada figura da galeria feminina da mitologia grega.

Porquê um exercício sobre Helena de Tróia?

Apesar de o meu universo mítico ser muito intensamente grego, Helena de Tróia nunca foi uma personagem da minha constelação mitológica. Na realidade nunca sonhei vir a escrever fosse o que fosse a respeito dela.



TERRÍVEL. A tragédia é feita «de histórias de sangue, de histórias de família, que coincidem com as histórias de clãs»

Helena, a tia. Tudo enquadrado numa cena que fui retirar ao Canto IV da Odisseia, que é o

O que é que a fascina nisso tudo? Para mim, o grande fascínio de toda a cultura grega, incluindo o

Pérgles, portanto um século antes do cume da civilização grega, em que as coisas eram ainda bar-

A CARA DA NOTÍCIA

HÉLIA CORREIA

Escritora
51 anos

■ Hélia Correia nasceu em Lisboa em 1949. Licenciada em Filologia Romântica pela Faculdade de Letras de Lisboa, publica o seu primeiro romance, *O Separador das Águas*, em 1981, revelando-se logo uma das mais importantes figuras da ficção portuguesa dos nossos dias. *O Rancor* é a sua segunda peça de teatro. Um lúcido exercício sobre Helena de Tróia, figura que ela «reabilita», dando-lhe uma nova face, mais feminina e humanizada. E uma outra fala, também, ganhando uma densidade inesperada e trágica. Não é, porém, este livro feito apenas com esta figura da mitologia grega. Em torno dela outras personagens se cruzam e descruzam.

Próximo Oriente e o Cáucaso. Pretendeu subverter o estereótipo?

Enão, porque a escreveu. Foi a encenação de *As Troianas*, do Sartre, pelo João Mota para o Teatro Nacional que me levou a isso. Quem fazia a Helena de Tróia era a São José Lapa, uma Helena de Tróia apresentada muito cruamente, pouco elaborada, diria eu, como uma prostituta, o vestido de cetim vermelho justo, com a racha ao lado, as sandálias altas, a bolsinha. E eu fiquei um bocado atingida por essa leitura tão directa e tão redutora.

Portanto, saiu em defesa dela?
Foi exactamente isso. Disse à São José: vamos fazer a nossa Helena de Tróia!

E gostou de o fazer?

O que me deixou especialmente feliz foi a possibilidade de cruzar histórias, o que já tinha feito na *Antígona*. Desta vez cruzei a história de Orestes com a história de

visita do filho de Ulisses a Esparta. Portanto, existe pouca invenção, digamos, nas fontes mitológicas da peça. O que fiz foi forçar ligeiramente as versões míticas de modo a que possam coincidir em palco.

São todas elas histórias terríveis.
Sim, são histórias terríveis. São histórias de tragédia.

Não há nelas nenhum riso.

Não. Mesmo a pouca ironia que existe é sarcástica: Está tudo muito separado: o riso e o riso da comédia, com seres vulgares e mesmo com a desconstrução da tragédia.

E que peso tem a tragédia? Ela é feita de quê?

É feita com aquela peso de sangue, de histórias de sangue, de histórias de família que, de certo modo, coincidem com as histórias de clãs.

teatro e a mitologia, é as perdas e os ganhos, em favor da justiça democrática, abstracta.

Quanto a si, quantas versões existem sobre a figura da Helena de Tróia?

A Helena de Tróia tem muitas versões, o tratamento dela é sujeito a tensões até quase intertextuais. Um escreve a favor, outro escreve uma obra que, indirectamente, vai derrubá-la.

Acha que «O Rancor» pode ser incluído entre os primeiros, dado que tenta recuperar a imagem dela?

Exacto, tentei dar-lhe uma dimensão mais humana, portanto não existe nada de grandemente divino nela, a não ser o orgulho de ser filha de Zeus.

A acção deste livro é localizada quando?

Um século antes do século de

tante brutais, as pessoas eram pessoas rudes, pessoas sujeitas a grandes erupções de sentimentos e emoções, grandes cóleras, não existia ainda um trabalho de civilização nelas. E eu tento ir buscar esse lado primitivo, esse lado bruto.

E também agressivo?

Precisamente, há um grande rancor entre eles, é por isso que a peça se chama *O Rancor*.

Vê, então, este seu texto como sendo uma história de rancor?

Sim, e com aqueles parâmetros que não são eternos, mas quase: a guerra é masculina, a paz é feminina...

E Helena de Tróia terá sido, por seu lado, o quê?

A Helena de Tróia foi um mero joguete para as conquistas dos gregos, um pretexto para a conquista daquela passagem para o

Digamos que eu não sinto que contradigo o estereótipo, acho é que o levo a um extremo tal, que ele se desmascara a si mesmo. Porque aquelas figuras masculinas que só se excitam com a guerra, que só falam de guerra e que não sabem lidar com a paz, creio que são figuras universais. Figuras que poderão funcionar ainda, embora felizmente isso se tenha vindo a atenuar bastante. Mas acha que hoje ainda continuam a existir?

Penso que a nossa contemporaneidade é ainda muito assim. A guerra funciona para os homens bastante como motivo de excitação.

Tentou que esta obra guardasse alguma actualidade?

A minha intenção não foi essa. Só que há coisas que eu foco nele que hoje permanecem intactas.

Uma paixão muito antiga pela mitologia grega

Os mitos «são quase uma outra respiração minha, uma coisa com que cresci, onde me refugio inúmeras vezes», diz a autora

Para além de reabilitar a figura de Helena de Tróia, qual foi a sua intenção ao escrever esta peça?

Foi, justamente, tentar recuar para lá do momento em que os grandes clássicos do teatro grego foram escritos. Portanto, não há grande elaboração das personagens.

É tudo muito imediatista?

É tudo muito brutal, como já disse, é tudo muito primitivo. Passa-se tudo bastante num universo pré-civilização. É uma idade ainda muito rude.

De sentimentos exacerbados?

Sem dúvida, de sentimentos e emoções muito exacerbados.

Que descreve neste seu livro, numa linguagem por vezes menos bela?

Pensei que uma tragédia elevada,

com uma linguagem nobre, estaria situada na Grécia muito mais tarde.

Mas, curiosamente, não será essa linguagem que empresta a esta sua peça uma grande contemporaneidade?

É natural, pois em momentos de ruptura os sentimentos de que aqui falo aparecem outra vez, numa proximidade.

E a que é que se deve essa proximidade?

À humanização. É o lado humano, não trabalhado pela divindade, ou pela dignidade, pelo sentido de nobreza, que corresponde verdadeiramente à personagem da tragédia.

Os sentimentos estão todos muito à flor da pele?

Exactamente. Pelo menos como

imagino que seria naquele tempo.

Os mitos fascinam-na?

Os gregos, especialmente, fascinam-me muito.

E já percebeu o porquê desse fascínio?

É uma paixão muito antiga. É quase uma outra respiração minha, uma coisa com a qual cresci, na qual me refugio inúmeras vezes.

E que espécie de refúgio é esse?

É um refúgio criativo, não é um refúgio suicida. Portanto, uma pessoa entra e, quando sai, sai refeita, sai com mais coisas que entretanto adquiriu.

No entanto, «O Rancor» não é um texto sem piedade?

Eu acho que não tenho muito ape- lo de piedade quando escrevo.

Não sou uma autora piedosa. Mas, quanto a este meu livro, ele até acaba bem...

Acha realmente que tem um final feliz?

Tem um final aparentemente feliz, porque todos os desastres, todas as negações se extinguem a si mesmos, por isso o final é igual ao princípio: o grande banquete, como se nada tivesse existido entretanto, e começa-se um episódio feliz. As personagens negativas desaparecem, há um casamento... Sim, há uma espécie de *happy end*.

E o rancor?

Claro que se vê à transparência que todo o rancor, todo o ódio continuam lá dentro, intactos.

Numa tentativa de tentar sustentar o que é insustentável?

Exacto, não se sustenta tanto rancor, por isso há um apaziguamento fictício. Tranquilizante.

Esta sua peça é menos poética do que a sua anterior?

Muito menos poética, mas muito mais rápida, o que a torna, provavelmente, mais interessante, bastante mais apelativa.

Era isso que queria fazer?

Foi assim que saiu, foi assim que eles me falaram, foi assim que os vi, foi assim que eu escrevi. Numa linguagem muito mais veloz, muito mais tu cá tu lá. Mais de luta de diálogo, de deixas.

E isso não é perigoso enquanto escrita?

É mais vertiginoso. Mas que em teatro não sinto o perigo da escrita. No romance, sim, sinto esse perigo.